



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO PAULO
UNIVERSIDADE ABERTA DO SUS

HELENA MORETTI BRESSANE

UMA ABORDAGEM SOBRE O USO DE PSICOTRÓPICO NA POPULAÇÃO FEMININA
ASSISTIDA PELA UBS BARRÂNIA, CACONDE - SP.

SÃO PAULO
2020

HELENA MORETTI BRESSANE

UMA ABORDAGEM SOBRE O USO DE PSICOTRÓPICO NA POPULAÇÃO FEMININA
ASSISTIDA PELA UBS BARRÂNIA, CACONDE - SP.

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado
ao Curso de Especialização em Saúde da
Família da Universidade Federal de São Paulo
para obtenção do título de Especialista em
Saúde da Família

Orientação: MARIA APARECIDA MOREIRA MARTINS

SÃO PAULO
2020

Resumo

Analisando os registros de uma Unidade de Saúde da Família do Distrito de Barrânia, município de Caconde-SP, percebeu-se uma diferença significativa no número de mulheres em uso de psicotrópicos, comparado com a população masculina. Essa realidade vem de encontro com a literatura estudada que aponta como principal motivo a sobrecarga de atividades assumidas por esse público como forma de conquistar seu espaço na sociedade, seja no mercado de trabalho, na política, etc, o que exige muito dessas mulheres e contribui para o seu adoecimento, principalmente no campo da saúde mental, favorecendo o uso indiscriminado de medicações controladas, tornando-se um grande desafio para a Saúde Pública. Partindo deste princípio surge a necessidade do desenvolvimento de estratégias para tentar reverter, ou mesmo amenizar, esse quadro. Tais ações estão voltadas para a abordagem desse público, conscientizando quanto aos problemas que o uso indiscriminado desse tipo de medicamento pode causar mesmo a longo prazo e quanto aos principais objetivos do Plano Terapêutico através do acolhimento na Unidade de Saúde da Família, quando serão levantadas as informações individuais, que nortearão todo o processo para a avaliação do quadro clínico e acompanhamento desse público visando, a priori, a redução das doses, ou mesmo o desmame da medicação.

Palavra-chave

Saúde Mental. Saúde da Mulher. Psicotrópicos.

PROBLEMA/SITUAÇÃO

Durante renovação de receitas foi possível perceber o uso excessivo de psicotrópicos, por longo período de tempo, no território de abrangência, especialmente por mulheres. Frente o exposto, o problema foi abordado na reunião de equipe, na qual todos concordaram que havia um número considerável de pacientes, usuárias de psicotrópicos, e relataram que é algo que se perpetua há anos, alguém prescreveu e os que vieram adiante somente renovaram a receita sem tentar abordar a descontinuação. Ao colher dados com a secretaria de saúde do uso de psicotrópicos no meu distrito, vi que realmente era expressiva essa diferença: 61,4% dos usuários de psicotrópicos são mulheres e 38,6% são homens. Cabe salientar que os dados levantados foram do número de usuários da medicação e não do número de pessoas com diagnóstico de alguma patologia no quesito saúde mental.

A equipe levantou algumas hipóteses do porquê as mulheres serem a maioria dos usuários, porém, não se chegou a um consenso. Observa-se também a falta de esclarecimento sobre o que realmente é saúde mental e como tratá-la, inclusive por parte da equipe, entendendo a doença mental como uma doença crônica, com necessidade de medicalização contínua, e sendo este o único recurso frente a descrença na eficácia da psicoterapia. Ainda assim existe uma outra questão, a grande demanda para o serviço de psicologia, fazendo com que a fila de espera seja imensa e comprometa o tratamento.

Todos esses pontos foram levantados, além da hipótese da UBS estar inserida em um território constituído majoritariamente por uma população rural, o que traz consigo uma forte carga patriarcal onde muitas vezes as mulheres têm pouca voz, são violentadas física ou verbalmente e têm acúmulo de múltiplas funções sem seu devido reconhecimento. As mulheres estão em um meio no qual a saúde mental é desvalorizada e aquelas que adoecem recebem pouco ou nenhum suporte familiar.

Visto a complexidade da saúde mental, hoje já ficou evidente a necessidade de uma abordagem multiprofissional para tratamento, assim, tivemos a ideia de iniciar uma abordagem em grupo com as mulheres em uso de psicotrópicos do nosso território.

Frente o exposto, esse trabalho tem como principais objetivos, não só a análise do cenário atual sobre o uso de psicotrópicos entre o público feminino, buscando levantar os indicadores que apresentem dados estatísticos, apontando, principalmente, os motivos das prescrições, como também a possibilidade da redução do uso de psicotrópicos, nesse público, por meio de estratégias que envolvam toda uma equipe multidisciplinar.

ESTUDO DA LITERATURA

A definição de saúde mental, segundo Alfena (2015) se transformou ao longo dos últimos anos e hoje aceita-se que é algo mais amplo do que a simples ausência de transtorno mental. Outra ideia é saber lidar com as emoções boas e ruins, reconhecer seus próprios limites e buscar ajuda se necessário.

Segundo a literatura, as mulheres são, de fato, as maiores usuárias de medicamentos psicotrópicos. Isso se deve principalmente ao fato de associarem a medicação à perda de peso, problemas relacionados ao trabalho, insônia e fuga dos problemas. Além disso as mulheres são mais presentes nos serviços de saúde, tendo um maior contato com a medicalização. Os psicotrópicos mais prescritos, segundo a OMS, são os benzodiazepínicos e antidepressivos. (ALFENA, 2015)

Essa realidade está diretamente ligada, segundo Carvalho e Dimenstein (2003), à luta da mulher na conquista por um espaço social, melhores condições de trabalho, participação mais ativa na política, trabalhos domésticos, maternidade, enfim, uma sobrecarga de atividades que vem de encontro com esse processo de adoecimento.

Em estudo sobre o consumo de medicamentos em uma região do estado de São Paulo, também observou-se maior percentagem para o sexo feminino do que para o masculino: 23,5% e 16,5%, respectivamente, quanto ao uso com prescrição. Para o uso sem prescrição, a diferença mostra-se mais acentuada na faixa dos 20 aos 49 anos, com o percentual de 20,8% para o sexo feminino e 8,1% para o masculino. (CARVALHO; DIMENSTEIN, 2003, p. 40)

De acordo com Moura et al (2016), o perigo no uso indiscriminado dessas medicações é que elas causam muitos efeitos adversos e sozinhas não são capazes de curar. Para tratamento de acometimentos de saúde mental deve-se abordar o ser humano em seu aspecto biopsicossocial e os psicotrópicos atuam somente na parte biológica. São medicamentos que ao longo do tempo levam à tolerância, dependência e abstinência, isso sem contar todo o gasto governamental com elas.

AÇÕES

Após identificar a situação apresentada e o reflexo dessa condição na manutenção da saúde mental desse determinado público, a problemática foi levada para uma discussão em equipe, foram estabelecidas estratégias e definidas algumas ações, a serem realizadas conjuntamente, respeitando as competências e atribuições de cada profissional.

1. Levantamento de dados: os ACS deverão buscar junto aos seus registros, as pacientes que fazem uso de algum tipo de psicotrópico;
2. Abordagem: fazer a busca ativa dessas pacientes, por meio das visitas domiciliares das ACS, ou durante demanda na unidade, e agendar consulta com o enfermeiro;
3. Acolhimento: durante consulta de enfermagem, o profissional colherá informações sobre o uso desse tipo de medicamento como motivo do tratamento, dose utilizada, tempo de uso, efeitos colaterais, entre outros dados que forem pertinentes no momento e encaminhá-la para consulta médica para avaliação clínica.
4. Avaliação médica: a paciente passará por consulta médica para avaliação clínica geral com ênfase na saúde mental, se necessário será feita correção de dose da medicação, troca de medicação, e, por fim, análise dos efeitos esperados.
5. Terapia em grupo/individual: quinzenalmente será realizado o encontro com um grupo de mulheres que se enquadram nesses critérios supracitados, através do qual a psicóloga do NASF, juntamente aos demais profissionais da equipe da Estratégia da Saúde da Família, abordará temas que fazem parte da rotina dessas mulheres, levantados anteriormente na etapa do acolhimento, e os demais que forem surgindo no decorrer do projeto oferecendo-lhe apoio e segurança para lidar cada qual com a sua condição. Quando identificado algum caso em específico, as terapias serão feitas individualmente, na periodicidade determinada pela profissional.
6. Acompanhamento: mensalmente será feita uma reunião de equipe, específica do projeto, para acompanhar os resultados obtidos relacionados ao aumento/diminuição de dose, troca de medicação, redução/exacerbação dos efeitos colaterais e possível desmame, dependendo da evolução de cada paciente.

RESULTADOS ESPERADOS

Com as ações citadas acima espera-se reduzir o uso de psicotrópicos no público feminino, porém, por se tratar de um processo complexo e gradativo os resultados almejados, por etapa, são:

- ♦ Apontar, estatisticamente, o índice de mulheres submetidas ao uso de psicotrópico, assistidas pela Unidade de Saúde;
- ♦ Identificar quais os principais motivos que as levaram buscar por essa alternativa;
- ♦ Avaliar os efeitos colaterais e tentar reduzir os danos causados pela medicação;
- ♦ Oferecer apoio psicológico à paciente de modo que a causa apontada seja abordada e tratada por profissional com competência técnica para tal;
- ♦ Proporcionar oportunidade de troca de experiências, a fim de demonstrar que cada pessoa tem os seus problemas e que a maneira de enfrentamento depende de cada uma, mas que todas podem contar com o apoio de uma equipe multiprofissional, para ajuda-las nesse processo.

REFERÊNCIAS

ALFENA, M. D. **Uso de Psicotrópicos na Atenção Primária**. 2015. 69 f. Dissertação (Mestrado em Saúde Pública). Escola Nacional de Saúde Pública – FIOCRUZ, Rio de Janeiro, 2015. Disponível em <<https://bvssp.icict.fiocruz.br/lildbi/docsonline/get.php?id=4212>>. Acesso em 24 Janeiro 2020

CARVALHO, LF; DIMENSTEIN, Magda. **A mulher, seu médico e o psicotrópico: redes de interfaces e a produção desubjetividade nos serviços de saúde**. Interações, São Paulo, v. 8, n. 15, p. 37-64, jun. 2003 . Disponível em <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-29072003000100003&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em 24 Janeiro 2020

MOURA et al. **Uso abusivo de psicotrópico pela demanda da Estratégia da Saúde da Família: revisão integrativa da literatura**. SANARE, Sobral - V.15 n.02, p.136-144, Jun./Dez. – 2016. Disponível em <<https://sanare.emnuvens.com.br/sanare/article/view/1048>>. Acesso em 24 Janeiro 2020